

811.111:37

048m

CHENAT
Campus Universidade de Pontes e Lacerda - M1
BIBLIOTECA

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCIELI CARVALHO DE OLIVEIRA

**NOÇÕES METODOLÓGICAS PREDOMINANTES NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA**

PONTES E LACERDA – MT

DEZEMBRO 2014/2



FRANCIELI CARVALHO DE OLIVEIRA

**NOÇÕES METODOLÓGICAS PREDOMINANTES NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de conclusão de apresentada ao departamento de Letras – *campus* universitário de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Profª. Esp. Vanessa Pincerato Fernandes, como requisito parcial para avaliação da disciplina de TCC.

PONTES E LACERDA – MT

DEZEMBRO 2014/2



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA
SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Profª. Esp. Vanessa Pincerato Fernandes (Orientadora)

Profª. Ma. Carmem Zirr Artuzo (Membro)

Profª. Ma. Thalita Miranda Gonçalves Sampaio (Membro)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por sempre ter me ajudado, me dando saúde, fé, sabedoria e perseverança;

Agradeço aos meus avós maternos Idalicio Crispim de Carvalho e Odete da Encarnação Nascimento de Carvalho, os quais chamo-os carinhosamente de pai e mãe. Duas pessoas muito importantes na minha vida, que me incentivaram e fizeram tudo ao alcance deles para que eu concluísse essa graduação;

À minha mãe Edna Nascimento de Carvalho que deu origem a minha vida, e que sempre acreditou na minha capacidade; Aos meus irmãos Bruno e Igor por não estarem com eles nos finais de semana; À meu tio Ilzimar Nascimento de Carvalho pelo apoio nos momentos que precisei; À minha tia e madrinha Cleide Nascimento de Carvalho Camargo que foi minha inspiração para ter iniciado este curso e mesmo distante me ajudou muito nos trabalhos da faculdade;

À minha amiga Katita (Kátia Marçal Moulaz) que esteve presente ao meu lado nos momentos bons e ruins... Agradeço pelos conselhos e broncas a cada etapa desse trabalho que eu desanimava;

Agradeço a Érica Brughago, Biazinha (Beatriz Palermo), Gleyce Castro pela amizade verdadeira, e agradeço especialmente a Drih (Adriana Cardoso) pelo companheirismo, pela força, orações e incentivo para que este trabalho acontecesse;

Agradeço imensamente a minha orientadora Professora Esp. Vanessa Pincerato Fernandes por me ajudar, me socorrer e não desistir da minha orientação. Muito Obrigada por acreditar em mim;

Agradeço à banca examinadora, por aceitarem e contribuírem com minha pesquisa com sugestões e relevantes contribuições: Carmem Zirr e Thalita Sampaio, Muito Obrigada!

Agradeço aos professores de graduação pela tolerância, paciência em ensinar, em especial aos professores Mariana Ribeiro, Heitor Kirsch, Tereza Pazos, José Leonildo Lima, Hêlvio Moraes, Marinei Almeida, Lara Couto, Késia Moraes Divino Alex Rocha de Deus, Epaminondas Magalhães, Aparecida Cristina da Silva Ribeiro, José Pereira da Silva Neto, Jansen Pinho. MUITO OBRIGADA A TODOS.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Idalicio Crispim de Carvalho e Odete da Encarnação Nascimento de Carvalho que nunca mediram esforços para que eu terminasse essa graduação. Se hoje eu sou o que sou, é graças a vocês. Em muitos momentos de reunião de família fiquei ausente, pois estava estudando e vocês sempre compreenderam. Não há palavras para descrever o quanto vocês são importantes na minha vida.

Obstáculos são aquelas coisas
medonhas que você vê quando tira os
olhos de seu objetivo.

Henry Ford

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de análise a identificação dos métodos mais predominantes de Língua Inglesa na sala de aula em quatro escolas da rede pública de Pontes e Lacerda – São José, Dormevil Faria, Vale do Guaporé (Ensino Fundamental), e 14 de Fevereiro (Ensino Médio). A problemática a ser discutida surgiu pelo interesse em descobrir os diferentes métodos de apoio e materiais dos docentes de LI e sugerir os mais adequados para a construção de um processo de ensino/aprendizagem na educação básica. Para analisarmos os procedimentos adotados pelos educadores utilizamos os teóricos voltados para a área do ensino de língua estrangeira, e através de um questionário com vinte questões fizemos uma reflexão sobre os professores atuantes na área de LI. Os resultados da pesquisa mostraram que os educadores fazem o possível para melhorar o aprendizado do aluno, e apesar de na maioria das vezes se deparar com a falta de estrutura e desmotivação dos alunos não desistem de ensinar e geralmente preparam os próprios materiais de ensino que seja mais acessível ao desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem. Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa (LAELI). Língua Inglesa (LI). Língua Estrangeira (LE). Professor.

ABSTRACT

This work has as object of analysis identify the most predominant methods of English language in the classroom in four public schools of Pontes e Lacerda - São José, Dormevil Faria, Vale do Guaporé (Elementary School) and 14 de Fevereiro (High School). The question under discussion arose the interest in discovering the different methods of support and materials LI teachers and suggest the most suitable for the construction of a teaching / learning process in basic education. To analyze the procedures adopted by educators we use the theoretical facing the area of foreign language teaching, and through a questionnaire with twenty questions made a reflection on the teachers working in the LI area. The survey results showed that educators do their best to improve student learning , and although most often come across the lack of infrastructure and lack of motivation of students do not give up teaching and usually prepare their own teaching materials to be more accessible to the development of the student.

Keywords: Teaching /learning. Applied Linguistics in English Language Teaching (LAELI). English language (LI) . Foreign Language (LE). Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
1. SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA).....	12
1.1 - Ensino de Língua Inglesa.....	14
1.2 - PCNS e Orientações Curriculares Do Ensino Fundamental e Médio de LE para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso.....	16
1.3 - Métodos e Abordagens do Professor de Língua Inglesa.....	19
CAPÍTULO II	
2. METODOLOGIA.....	28
2.1 Pesquisa Interpretativista/Etnográfica.....	28
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

Convivemos, no nosso dia-a-dia com diferentes linguagens. Elas constituem nosso interior e exterior, e representam as diversas realidades de nossa vida; sendo também simbólicas e presentes em todas as nossas atividades. Um filme, um desenho animado, uma peça publicitária televisiva combinam imagens, sons, palavras e música; uma coreografia de dança – moderna ou clássica, usa movimentos corporais e melodias; uma placa de trânsito, uma tela, um grafite combinam cores e traços; pois vivemos numa diversidade de linguagens que nos constituem como seres simbólicos que produzem sentidos. A Língua Inglesa é necessária para uma série de propósitos, desde o interesse em viajar algum dia para o exterior fazer turismo, conseguir um emprego influente, até para saber agir em comunicações internacionais, correspondências, aviação, e nas transmissões de rádio.

A língua inglesa vem sendo muito estudada durante várias décadas, mas esta ainda não é tão valorizada em grande parte das escolas públicas brasileiras, pois muitos alunos não percebem a importância desse ensino em suas vidas. O educador precisa fazer com que os alunos compreendam que a língua inglesa está ao nosso redor, desde quando usamos roupas de *Lycra*, *Cotton*, *Blazers*, *Shorts*; calças *Jeans* e tênis da *Nike*; ao tomar café comemos os biscoitos: *Cream craker*, *Waffles* ou *Chips*; utilizamos os meios eletrônicos como o *Email*, o *Mouse*, o *Scanner*, os *Softwares*; fazemos um *Backup* no computador; enviamos um *Fax*; apertamos a tecla *Enter* ou *Delete*; ouvimos uma música no *Media Player*; ficamos *On-line* e *Off-line* no *Skype*; tiramos um *Print* de alguma coisa; pessoas vão ao *Shopping Center* gastar com roupas de marca como *Calvin Klein*, *Hollister*, *Guess*; ao *McDonalds* comer *Hambúrguer*, *Hot dog*, e depois pedem uma *Coca-Cola Diet* ou vão à um restaurante *Self-service*. À noite tomam um *Whisky* ou uma *Smirnoff*. Aparelhos são ligados e desligados através das indicações *ON* e *OFF*.

Paiva contextualiza que há um equívoco ao dizer que não queremos estudar inglês, visto que o inglês está em toda parte: “nas marcas de carro, nos comercias, nas propagandas, na rádio e na televisão, na internet” (PAIVA, 1996:10-11), desde uma simples série como *The Walking Dead*, até os meios eletrônicos: *facebook*, *whatsapp*, *wiffi*, *instagram*. Todos nós seres humanos fazemos parte desse mundo, porém o aluno

dentro de sala de aula não repara que as próprias coisas que ele faz durante o dia envolve algo do Inglês. Muitas vezes, o discente acha que é desnecessário estudar inglês e frases como “Pra quê preciso de Inglês se não vou morar nos Estados Unidos?” ou expressões como “Inglês é muito difícil”, e “mal sei o português, imagina o inglês”, são extremamente frequentes nas escolas.

Uma autora que estuda a relevância do ensino de Língua Inglesa é Vera Paiva (1996), grande pesquisadora que traça um retrato ideológico da presença do Inglês no Brasil e no mundo através do seu livro *“Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências”*. Nesta obra autora nos apresenta reflexões sobre questões culturais e ideológicas envolvidas no ensino de inglês e estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem e sugestões de atividades para a sala de aula.

A partir desses questionamentos, da insatisfação e falta de compreensão da importância do aprendizado da língua inglesa por parte dos alunos, o presente estudo busca mostrar os resultados de uma investigação feita em escolas públicas, na qual se buscou descobrir quais os métodos mais praticados que pelo o professor de Língua Inglesa está em sala de aula. O interesse pelo tema surgiu pelo desejo de conhecer as noções predominantes sobre esses métodos e conhecer um pouco mais da realidade do docente de LI.

Inicialmente, apresentamos no primeiro capítulo o conceito de Linguística Aplicada com foco no Ensino de Língua Inglesa de acordo com Moita Lopes (1996). Em seguida, no item 1.1 apresentaremos a importância do estudo de inglês segundo os autores Lima (2009), Almeida Filho (2007), Moita Lopes (1996); no segundo capítulo estudaremos os métodos mais adequados adotando como base teórica: Brasil (1998/2000), Oliveira (2014), Almeida Filho (2007); e no terceiro capítulo mostraremos os resultados obtidos através de um questionário distribuído aos professores e por fim, encerraremos com a discussão dos resultados.

CAPÍTULO I

1. SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA)

De acordo com Moita Lopes (1996:11) é fato que a área de ensino/aprendizagem é a mais avançada em Linguística Aplicada (LA). Possivelmente em razão da importância da linguagem na educação formal, a maior parte da pesquisa que se faz em LA no Brasil e no mundo reflete questões relativas ao uso da linguagem em sala de aula, englobando, portanto, aspectos de ensino/aprendizagem de línguas.

Antigamente quem mais pesquisava a Linguística Aplicada eram os linguistas. Segundo Moita Lopes (1996:18), “a primeira vez que ele ouviu esta questão sendo tratada no Brasil foi em 1978”. A partir dessa data o número de pesquisadores nessa linha de pesquisa foi bastante considerável.

A Linguística Aplicada (LA) é uma área de investigação que está tendo um grande desenvolvimento no Brasil, pois ele é um dos países que mais têm apresentado trabalhos nos congressos internacionais de LA nos últimos anos. Além disso, desde 1986, três vezes no ano, organizaram-se congressos nacionais de LA. Todavia, até recentemente, a pesquisa em LA era desenvolvida somente no programa de pós-graduação em LA da PUC-SP, que já tem 20 anos. (Moita Lopes, 1996:27)

A fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) em julho de 1990, na Universidade Federal de Pernambuco, foi uma das primeiras universidades que desenvolveu a LA no Brasil de acordo com Moita Lopes (1996:28). Até bem recentemente, a LA era entendida como uma estrutura da linguística e isso foi prejudicial ao desenvolvimento da LA. Esse equívoco ajudou a gerar um preconceito contra a LA. Por isso, uma das tarefas mais importantes da LA no Brasil seja divulgar a natureza da Linguística Aplicada como área de investigação. (Moita Lopes, 1996:28).

O estudo sobre Linguística Aplicada (Moita Lopes, 1996:19-23) pode ser dividido em cinco linhas de pesquisa: 1. Pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais; 2. Pesquisa que focaliza a linguagem do ponto de vista processual, 3. Pesquisa de natureza interdisciplinar e mediadora, 4. Pesquisa que envolve formulação teórica, 5. Pesquisa que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista.

A primeira linha (pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais) estuda como tratar os problemas de uso da linguagem no contexto da escola ou fora dela. Um exemplo de uso da linguagem que poderia interessar a um linguista aplicado, por exemplo, seriam as dificuldades na compreensão oral de filmes por usuários-aprendizes de inglês como língua estrangeira.

A segunda linha (pesquisa que focaliza a linguagem do ponto de vista processual) deve dar conta dos tipos de competências e procedimentos de interpretação e produção linguística que definem o ato da interação linguística.

A terceira linha (pesquisa de natureza interdisciplinar e mediadora) deve mediar o conhecimento teórico utilizado pelo linguista aplicado dependendo das condições de relevância determinados pelo problema a ser estudado.

A quarta linha (pesquisa que envolve formulação teórica) também formula seus próprios modelos teóricos, podendo colaborar com o avanço do conhecimento não somente dentro de seu campo de ação como também em outras áreas de pesquisa. Ou seja, embora a LA, por envolver pesquisa aplicada, centra-se na resolução de problemas específicos, pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento e a formulação teórica tanto quanto a chamada pesquisa básica.

A quinta e última linha de pesquisa (pesquisa que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista) visa o controle de variáveis específicas que garantem a validade interna e externa da investigação de modo a se poder demonstrar relações de causa e efeito através da aplicação de testes de significância estatística. Existem na LA dois tipos principais de pesquisa interpretativista: pesquisa etnográfica e pesquisa introspectiva. A pesquisa etnográfica é caracterizada por dar destaque na percepção que os participantes têm da influência linguística e do contexto social em que estão envolvidos, através de instrumentos como notas de campo, diários, entrevistas, etc. Já a pesquisa introspectiva dirige-se ao estudo dos processos e estratégias que não se manifesta ao uso da linguagem através da utilização da técnica de protocolo.

Quanto à relação do campo de investigação da LA, Moita Lopes (1996:31), afirma que os projetos existentes no campo de investigação da Linguística Aplicada (LA) centram-se especificamente em quatro áreas: Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira (LE), Ensino/Aprendizagem de Língua Materna (LM), Educação Bilíngue e Tradução. Sendo assim, a LA no Brasil é frequentemente equacionada com pesquisa em LE, enquanto a pesquisa em LM é normalmente vista como área de pesquisadores em linguística.

Almeida (2007:24) afirma que desde os seus primórdios e até hoje, a LA tem sido interpretada como sinônima de Teoria de Ensino de Línguas. Desse modo, a tarefa do linguista aplicado é definir as relações ou ligações entre teorias sobre a natureza da linguagem e o estabelecimento das condições otimizadas de ensino e/ou aprendizagem de línguas.

1.1 - Ensino de Língua Inglesa

Vivemos numa época em que estar em contato com línguas é muito comum. Nunca na história do mundo surgiu uma língua genuinamente internacional – no sentido de que quem controla o destino dessa língua não são mais os chamados “falantes nativos”, mas sim, os milhões e milhões (estimados em um quarto da população mundial, hoje aproximadamente 6 milhões) de não nativos que, no entanto, recorrem ao uso dessa língua para fins comerciais e empregatícios.

A língua inglesa é o idioma que mais se espalha no mundo inteiro nos dias de hoje. Rajagopalan foi o responsável pela criação do termo “World English”; termo que explica que é uma língua que adquiriu o verdadeiro status de uma língua franca. É também um fenómeno falado nos países ditos “anglófonos”, mas que só dois terços de seus falantes não aprenderam essa língua como língua materna.

Do ponto de vista de Moita Lopes (1996:39)

é preciso não esquecer que os alunos aprendem Línguas Estrangeiras (LEs) com objetivos variados. Há pessoas que querem aprender uma LE sem nenhuma motivação integrativa, ou seja, possuem somente uma motivação instrumental, como por exemplo, somente para aprender uma música que gosta em inglês.

Segundo o autor, pode-se afirmar que existem pessoas que aprendem a língua simplesmente para atender a uma determinada necessidade, e não pelo objetivo maior, que é adquirir o idioma com fluência. Neste caso, o ensino de cultura pode fazer pouco ou nada para preencher as suas necessidades de aprendizagem.

Adotando o ponto de vista de Lima (2009:9), vimos que a necessidade de aprender a LI se explica pelo fato da exigência de dialogar com um mundo sem fronteiras. A aprendizagem de uma língua estrangeira, principalmente de língua inglesa, passa a ser uma necessidade para que as pessoas possam lidar com essa rápida evolução e com esse crescente desenvolvimento.

Lima (2009:9) acredita que o destino da língua inglesa não está nas mãos dos falantes nativos, e sim nas mãos daqueles que a falam como língua estrangeira (LE). A propagação do inglês como língua estrangeira tem feito com que várias escolas e departamentos de professores tenham sido criados.

No Brasil, a carreira profissional de ensino de LI tem se firmado e se transformado em uma grande fonte de renda para aqueles que a seguem. A aprendizagem de uma LE não é mais ilustração ou um elemento adicional na educação, mas é parte da vida cotidiana e um instrumento importante para colaborar no processo de inclusão daqueles excluídos do mundo do trabalho, da informação, do conhecimento e da tecnologia. (Orientações Curriculares do Mato Grosso)

Em se tratando de Linguística Aplicada, Almeida (2007:32) destaca que a LA é de extrema importância, pois pode reelaborar teorias sobre a parte mais específica da composição e funcionamento do processo de aprender línguas, e, eventualmente, utilizar auxílios indiretos importantes das outras áreas também voltadas para a análise de conhecimentos teóricos no terreno da prática social efetiva.

Cabe aqui mencionarmos o papel da transdisciplinaridade na LA, que segundo Moita Lopes (*apud* Signorini & Cavalcanti 1998:102) significa “um modo de investigação que envolve uma forma de produção de conhecimento, envolvendo também a integração de ideias na tentativa de construir uma nova teoria e nova compreensão do problema em estudo”. Ou seja, o problema em estudo pode ser a falta de estrutura, desmotivação dos alunos ou desprestígio da profissão que serão investigados neste trabalho, e nosso papel como linguista aplicado é reunir sugestões de

novos métodos para que o professor de língua inglesa passe a ter consciência de outras formas de ensinar.

1.2 - PCNS e Orientações Curriculares Do Ensino Fundamental e Médio de LE para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso.

O objetivo dos PCNS de Língua Estrangeira (LE) é trazer à reflexão sobre as mais adequadas sugestões e possibilidades de como está a situação das Línguas Estrangeiras do Ensino Fundamental. Nas primeiras considerações, o documento aborda que um de seus propósitos é restaurar o papel de LE na formação educacional, pois a aprendizagem de Língua Estrangeira e Língua Materna é um direito de todo o cidadão. A frente, aponta que a LE deve garantir ao aluno a capacidade de se envolver com si próprio e se envolver com os outros no discurso. E o fato da maioria das escolas brasileiras terem carga horária reduzida, escolas superlotadas, pouco domínio por parte dos professores, material escasso, giz e livro didático reduzido podem tornar irrealizável o ensino das quatro habilidades de ensino (ler, falar, escrever e ouvir). Com essa pesquisa, veremos que a falta de giz e livros foi corrigida; entretanto segundo as respostas dos entrevistados ainda acontece o superlotamento das salas e baixa carga horária da disciplina, porém o “pouco domínio por parte dos professores” não acontece, visto que os participantes do questionário fazem cursos de capacitação e elaboram suas aulas frequentemente.

Os PCNs do Ensino Fundamental apresentam propostas de ensino que garanta a facilidade nos sons da LE dentro de sala de aula com a intenção de fazer com que os alunos tenham gosto pela leitura e memorize músicas internacionais que eles gostem, pequenos poemas, trava-línguas, diálogo, para facilitar o aprendizado no idioma.

Os PCNs questionam o ensino de LE e afirma que este ensino não é visto como elemento importante na formação do aluno, pois esta disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada em algumas regiões em uma ou duas séries de ensino fundamental. Em alguns estados a LE é colocada fora do horário regular das aulas e fora da escola.

Esses parâmetros do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998:28) apresentam que o aluno ao chegar à quinta série já é um falante de sua língua, e o ensino de LE vai fazer com que o aluno aumente o conhecimento sobre a linguagem que ele construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a LE em vários níveis; e possibilitar que o aluno se constitua em um ser discursivo.

Uma das estratégias típicas usadas pelos aprendizes é a transferência do que já sabem de sua língua para a língua estrangeira. Na visão dos PCNs “quando alguém usa a linguagem, o faz de algum lugar localizado na história, na cultura, e na instituição definido nas múltiplas marcas de sua identidade social e à luz de seus projetos políticos, valores e crenças” (BRASIL, 1998:32). Com o mundo globalizado no qual vivemos, é preciso que sejamos um participante fluente da língua não restringindo nosso saber apenas na língua materna e sim, uma ou mais línguas estrangeiras para sermos capazes de comunicarmos espontaneamente.

Por isso o ensino de LE é fundamental, visto que é o melhor meio do aluno entrar em contato com outras culturas, modos diferentes de ver e interpretar a realidade fazendo-o relacionar propriedades e regularidades presentes na língua materna, explorando-as ao máximo.

Já os PCNs do Ensino Médio apontam as dificuldades que a LE passou até se automatizar. Antigamente, a LE assumia um perfil repetitivo e monótono que desmotivava os alunos, e os professores não se qualificavam. Piorando essa situação, a grande falta de livros didáticos permanecia: quando tinha livro, era muito caro e a maioria dos alunos não podia adquiri-lo.

Os PCNs do ensino médio explicam que o ensino regular das escolas só fazem uso das formas gramaticais, memorização de regras sintáticas e prioridade da língua escrita de maneira totalmente diferente da realidade. E esse ensino, além de preparar o aluno a compreender e produzir enunciados corretos deve induzir a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir acesso às informações de vários tipos.

No questionário distribuído nas escolas públicas veremos o que os professores atuantes acham sobre os cursos de idiomas e faremos uma comparação se a ideia dos docentes são as mesmas que os PCNs do ensino médio afirmam: “(...) quando alguém

quer, ou tem necessidade de aprender uma língua estrangeira, inscreve-se em cursos extracurriculares, pois não espera que a escola média cumpra essa função". (BRASIL, 2000:28-29)

A aprendizagem da LE é fundamental, mas ela não pode ser a única possibilidade a ser oferecida ao aluno, pois esse ensino necessita atender às diversidades, aos interesses locais e às necessidades do mercado de trabalho que o aluno está inserido.

Os PCNs do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2000:32) apresentam cinco passos para atingir o ensino adequado:

1. Escolher o melhor vocabulário que reflita a ideia de se comunicar;
2. Compreender de que forma uma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos culturais e/ou sociais;
3. Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz;
4. Utilizar mecanismos de coerência e coesão; e
5. Utilizar estratégias verbais e não-verbais para compensar falhas na comunicação.

Como podemos notar, para que o indivíduo possua uma boa competência é necessário que ele possua o domínio de cada um dos itens acima, pois um ponto bastante criticado em relação ao ensino de LE é o uso frequente de formas exaustivas como listas de vocabulários com nome de alimentos em inglês que segundo o documento (Brasil, 2000:30) os alunos podem até ter curiosidade de aprender qual é o nome daquela fruta, daquele móvel, mas isso não contribuirá para a aquisição e aprendizagem da língua, visto que o professor deve inserir outros assuntos, tais como: o estudo do solo, hábitos alimentares, textos falados e escritos, etc; porque é preciso pensar no ensino como tema abrangente e não apenas estatístico, pois a língua é um meio de comunicação e é através dela que o povo transmite sua cultura, tradições, seus conhecimentos.

O ensino de língua inglesa na escola regular tornou-se obrigatório em 1996, pela LDB 9394 (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional). Nessa mesma época, surgiram outros documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (PCNEF), Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM). Já as Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEM, 2006) inauguram um novo tempo no ensino de LE, estabelecendo uma ruptura com o ensino tradicional.

As OCEM podem suscitar novos diálogos e reelaborações tornando-as instrumento cada vez mais fundamentado que se configuram na orientação mais compreensível dos profissionais do 1º, 2º e 3º Ciclos na elaboração da proposta política pedagógica, bem como, no planejamento das ações pedagógicas e curriculares, no contexto da unidade escolar.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso, no 1º Ciclo, o desenvolvimento das capacidades do aluno é medido pela ação do professor que indica, delimita e atribui significados à realidade, a partir das constantes interações com o conhecimento. No 2º e 3º Ciclo, o (a) professor (a) continua atuando como mediador (a) quando introduz novos conhecimentos a serem trabalhados e consolidados ou caso o (a) estudante ainda não tenha concluído os processos de construção, como: a percepção, a identificação, a aplicação, entre outras.

É necessário compreender que durante o processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa é ideal que professores e estudantes explorem e valorizem sua própria língua/cultura, de maneira positiva e animadora e reconheçam-se como sujeitos capazes de refletir criticamente sobre a vida social. É preciso também que o professor reconheça as vozes de seus alunos, como eles se posicionam na língua que estão aprendendo.

1.3 - Métodos e Abordagens do Professor de Língua Inglesa

Para tratarmos da concepção de métodos e abordagens, partimos primeiramente do ponto de vista de Oliveira (2014), quando este afirma que muitas vezes, o professor de inglês dá aulas da mesma maneira durante anos, repetindo as mesmas atividades por não ter tido a oportunidade de conhecer outras maneiras de ensinar a língua. Por isso, é essencial que o professor de inglês estude o maior número possível de métodos para poder seguir alguns deles ou criar seu próprio conjunto de princípios teóricos.

Já para Leffa (1988:211) “(...) a intenção não é doutrinar o professor no uso de um determinado método, mas informá-lo das opções existentes”. O professor não precisa apenas seguir um modelo de metodologia, e sim buscar informações sobre outros métodos. Como guia ele pode utilizar as Orientações Curriculares Nacionais.

Segundo Oliveira (2014:66), desde o começo do século XX, há uma fabricação de métodos em inglês que se incluem princípios teóricos, técnicas, comportamentos de professores naquilo que é chamado de método por uns e abordagens por outros. Os termos “método” e “abordagem” são palavras muito pronunciadas, mas suas definições não são tão simples, porque os professores em geral costumam não saber a diferença entre os termos. Oliveira afirma então que, todo professor de inglês tem a obrigação pedagógica de saber o que é método de ensino, mesmo que seja para tomar a decisão de não adotar determinado método ou de se recusar totalmente a usar esse conceito.

O conceito de método mais popular entre os formadores de professores de inglês é que “método” significa um conjunto de princípios teóricos, organizacionais e ações práticas que norteiam o planejamento das aulas, a avaliação da aprendizagem e a escolha de materiais didáticos. Já o termo “abordagem” é formado por uma teoria de língua; teoria esta que o professor baseia-se e toma decisões pedagógicas, seleciona materiais didáticos e avalia políticas educacionais.

As teorias são muito importantes, visto que, são elas que determinam cada elemento de abordagem, e o professor não deve deixá-las de lado. Com isso, apresentamos as propostas teóricas para o ensino de línguas estrangeiras destacando os diferentes tipos de métodos, tais como:

Método de Gramática e Tradução: Surgiu desde a primeira década do século XIX, que foi adotada pelos professores para ensinarem latim e o grego clássico. Baseava-se no uso da tradução, no estudo do vocabulário e estudo das estruturas sintáticas. (Oliveira, 2014:76). Por se tratar do estudo de tradução e elementos gramaticais passou a ser conhecido por esse nome, e em muitos cursos de treinamento de professores, esse tipo de método foi o primeiro a ser conhecido que se tem notícias. De acordo com Larsen-Freeman (1986) as principais técnicas são – tradução de passagem literária da língua alvo para a materna; teste de compreensão e leitura; aplicação de regras gramaticais, conjugações verbais; exercícios de preencher espaços

com palavras que faltam no texto; memorização de palavras; formação de frases com palavras aprendidas.

Oliveira (2014) cita como exemplo, quando o professor passa uma frase em inglês e depois traduz para o português. Em seguida, ele coloca na lousa outras frases para que o aluno traduza para o português e frases em português para que eles traduzam para o inglês, praticando esse tempo verbal. Finalizando, o docente verifica o que os alunos fizeram e corrige os erros colocando a resposta correta. Os professores que adotavam o método de gramática e tradução para o ensino acreditavam que o estudo das estruturas sintáticas fazia com que os estudantes exercitassem a mente.

Método Direto: Recebe este nome pelo fato de seu significado ser conectado diretamente com a língua alvo, sem passar pelo processo de tradução para a língua nativa dos estudantes. Nesse método o uso da língua materna é proibido. Exemplo: o professor passa alguma palavra para o aluno falar a tradução e o docente deve explicar através de gestos, objetos e imagens o que a palavra significa, porém o professor precisa pensar na possibilidade de seus alunos não conhecerem o termo. Segundo Oliveira (2014:85), a cultura dos estudantes interfere no entendimento de gestos e imagens usados pelo professor porque pode significar culturas diferentes. Em outras palavras, no método direto as regras gramaticais não são apresentadas, e o aprendizado acontece de forma indutiva, ou seja, a partir de uma palavra dada, os alunos tem que criar hipóteses sobre as regras gramaticais que estão estudando.

Abordagem Oral: são criadas listas de vocabulários com palavras que os alunos já tenham estudado dentro de sala de aula. O professor deve escolher com responsabilidade os itens e estruturas gramaticais a serem ensinadas, sempre organizando e seguindo uma ordem. O material de ensino é explicado oralmente antes de se apresentar sua forma escrita, sendo assim, primeiro o aluno deve ouvir e falar pra só depois ler e escrever.

Método Audiolingual: o objetivo principal é capacitar o aluno a se comunicar oralmente com um nível de competência idêntico ao de um falante nativo próprio da LE, sem fazer o aluno esquecer-se de sua língua materna. Para Larsen-Freeman (1986) sua meta é tornar os alunos capazes de usar a língua alvo comunicativamente. Os diálogos são aprendidos com memorização, imitação e repetição. Suas principais técnicas são: memorização e dramatização de diálogos; conversação em pares;

memorização de frases longas parte por parte; jogos de repetição de completar diálogos, de construção de frases a partir de pistas (para memorizar estruturas ou vocabulário).

Oliveira (2014:98-99) cita um exemplo no qual o aluno aprende uma sentença como: *I am Canadian*. A partir desse termo, podemos dizer que ele faz uma crítica aos professores ao declarar que o aluno não precisa aprender algo assim porque não nasceu no Canadá, e continua com sua crítica dizendo: “É por isso que esses tipos de exercícios são considerados mecânicos e contribuem para a criação de uma imagem negativa do método audiolingual”. O autor se refere ao fato do aluno parecer um robô que apenas reproduz o que o educador disse para ele reproduzir. E mais a frente Oliveira (2014:100) continua dizendo que o professor é o responsável por levar o aprendiz a desenvolver hábitos corretos em relação a língua, ou seja, não cometer erros de concordância, pronúncia, grafia ou qualquer erro de outra espécie, pois o educando deve seguir uma ordem: compreensão oral, fala, leitura e escrita.

Silent Way (modo silencioso): De acordo com Oliveira (2014:10) o nome do método já explica seu significado. O professor fica silencioso porque ele “já fala a língua e não precisa praticar” e os estudantes são aqueles que precisam pôr em prática a fala. Larsen-Freeman (1986) diz que as principais técnicas são: silêncio do professor; uso de fichas coloridas associadas a sons ou palavras; autocorreção; uso de gestos; quadro de palavras; avaliação da lição no final da aula pelos alunos. E Oliveira (2014) afirma que no Silent Way, os equívocos cometidos pelos estudantes não são vistos como comportamentos ou hábitos negativos a serem corrigidos, e sim como consequências naturais da construção de aprendizagem. A partir dos erros, o professor tem uma ideia do que precisa melhorar: planejar mais as aulas ou auxiliar mais os alunos.

Suggestopedia (Reservopedia): Para Larsen-Freeman (1986) As principais técnicas desse tipo de abordagem são: adequação da sala a certo tipo de luz, cadeira, decoração, etc; uso de pôsteres nas paredes com informações gramaticais; visualização com olhos fechados de cenas imaginárias; dramatização de situação improvisada; leitura ao ritmo de músicas, leitura dramatizada com pequenos textos; escuta de leitura com olhos fechados. Já Oliveira (2014:113) nos apresenta que na Suggestopedia, o professor não tem que seguir métodos rígidos como acontece no método direto e no método audiolingual, pois os alunos são livres para decidir se querem ou não fazer uma

atividade que ele preparou. Contudo, particularmente acredito que esse método não funcionaria nas nossas escolas públicas, visto que se já é difícil fazer o aluno realizar atividades simples imagina se deixássemos os discentes escolherem? Sem dúvida, eles iam preferir não fazer nenhuma atividade e causar desordem na sala de aula.

TPR – Total Physical Response (Resposta Física Total): nome que indica uma característica fundamental da nossa proposta teórica: o uso dos movimentos corporais como mecanismos de aprendizagem de línguas. Oliveira (2014:119) oferece o seguinte exemplo para nós compreendermos: uma atividade na qual o professor diz aos alunos para eles realizarem as seguintes ações:

Go to bookshelf.
Take a book.
Open the book.
Look the book.
Close the book.
Put the book back on the bookshelf.

Através dessa atividade o aluno associa as palavras com as ações. É óbvio que vai ter alunos que vão se recusar a fazer esses movimentos como (ir a prateleira de livros, pega-lo, abri-lo, olha-lo, fecha-lo e coloca-lo de volta na prateleira), mas não custa nada tentar. Em outra atividade, o professor passa uma das sentenças fazendo mímicas e usando objetos para os alunos descobrirem do que se trata. Depois ele repete de novo e faz os alunos gesticularem com ele até acertarem a frase. Oliveira (2014:122) então nos afirma que a TPR é uma técnica interessante para os estudantes, e tudo vai depender do momento e do tema abordado. Por exemplo, o autor dá a sugestão para o professor ensinar ao aluno as direções da rua, em que cada aluno devera ficar de pé seguindo os comandos do professor:

Walk straight ahead two blocks.
Turn left.
Turn right.
Walk to the corner.
Stop across from the restaurant.

Ou seja, mesmo se o professor não traduzir esses comandos, o aluno pode deduzir a resposta porque ele praticou a ação quando (caminhou a frente para dois quarteirões, virou a esquerda e depois para a direita, caminhou até esquina e parou do lado do restaurante).

CLL – Community Language Learning (Aprendizagem Comunitária de Língua): método no qual o professor estimula a cooperação e não a competição entre os alunos. E o estudante deve se tornar independente à medida que avance nos estudos, pois sabemos que o aluno se considera dependente do professor, e o trata como um modelo a ser seguido. A atividade que pode explicar esse termo CLL é quando o professor monta grupos de alunos para eles traduzirem algum texto. Dessa forma, os alunos, juntos em grupos deverão trabalhar coletivamente para conseguir traduzir o texto.

Abordagem Natural: os princípios dessa abordagem são: o professor dedica o tempo da aula para os alunos adquirirem a língua; os alunos podem optar em falar a língua alvo (inglês) ou sua língua materna (português) ficando ao cargo do professor só corrigir erros dos alunos se eles se atrapalharem na comunicação; a gramática pode ser executada em atividades para a casa; e o que mais interessa é a comunicação.

Abordagem Comunicativa (Communicative Approach): a meta desta abordagem é tornar os alunos comunicativamente competentes. As principais técnicas são: trabalho em grupos e/ou individual; uso de material autêntico; textos com frases desordenadas para os alunos ordenarem; jogos de cartões com pistas para os alunos fazerem perguntas autênticas e obterem respostas também pessoais; uso de figuras em sequência, sugerindo histórias que os alunos possam prever; dramatização de cenas propostas pelos alunos ou professor; o papel fundamental das afetividades nas interações; o erro é visto com um processo natural da aprendizagem; o papel do professor é o de orientador, facilitador.

Do ponto de vista de Oliveira (2014:151) nessa abordagem o professor não ensina gramática apenas para ensinar gramática, e sim para ajudar o estudante a desenvolver sua capacidade de comunicação, de realizar funções como: convidar, convencer, informar alguém. O uso correto dos verbos é fundamental, pois ainda para Oliveira (2014:151) o estudante precisa ter informações de todas as normas sobre o verbo *Would*, por exemplo: saber que a palavra sozinha é um substantivo que expressa dever, obrigação e num contexto como “*Would you please close the door?*” representa uma maneira culta e educada de pedir “Você poderia por favor fechar a porta?” do que simplesmente dizer *Close the door* (Feche a porta). Precisamos fazer o aluno entender que quando ele não usa o verbo modal *Would* ele está dando uma ordem a alguém

(Feche a porta!) e quando ele usa “Você poderia por favor fechar a porta?” está sendo gentil ao pedir um favor à alguém.

TBL – Abordagem baseada em tarefas: para a abordagem baseada em tarefas, o importante é levar o aluno a usar a partir do que ele já conhece e não induzi-lo a usar determinadas estruturas gramaticais e vocabulário, ou seja, o aluno tem que ser motivado a fazer as tarefas pelo conhecimento prévio que ele já tem. Oliveira (2014:167) afirma que o professor precisa dar um tempo para os alunos fazerem a tarefa, e não deve interferir, a não ser que seja solicitado. Nesse tipo de abordagem, entendemos que o professor não deve dar a resposta logo para o aluno, e sim fazer com que ele consiga se desenvolver sozinho.

Abordagem Lexical: nesse método aprender uma palavra vai muito além de aprender sua grafia, as formas de ser pronunciada, seu significado literal e a categoria gramatical à qual pertence. Oliveira (2014:175) cita um exemplo do professor que ensina os antônimos das palavras como *shallow/deep*, *short/long*, *small/large* e *low/high*, de acordo com o autor não basta os alunos conhecerem que o significado das palavras são (raso/profundo, curto/longo, pequeno/grande e baixo/alto), se eles só conhecerem apenas um significado. Eles podem associar que profundo é apenas um buraco, e não associar que profundo pode ser uma maneira difícil de compreender (mistério profundo), ou uma cor profunda (azul profundo), ou algo que penetra muito (corte profundo), ou seja, o aluno deve saber utilizar um antônimo num adjetivo por exemplo.

Abordagem comunicativa intercultural: esse método se preocupa com os aspectos culturais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de LE; estuda as visões dos participantes, a imagem que eles possuem um do outro, como indivíduos e como membros de um grupo social; observa as atitudes, os valores e as crenças que os indivíduos compartilham com o grupo social ao qual pertencem; a maneira como membros de diferentes culturas realizam atos de fala como cumprimentos, pedidos e desculpas. Resumindo: Para Oliveira (2014:182) a abordagem comunicativa intercultural pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para que o indivíduo possa interagir de forma apropriada com outros indivíduos de cultura diferente dele.

ESP – English for Specific Purpose (Inglês para Fins Específicos), Inglês Instrumental: O objetivo é a leitura, interpretação e compreensão de textos e não a conversação ou tradução integral dos textos estudados. As principais técnicas são: Compreensão e estratégias de leitura de textos autênticos; utilização de estratégias gramaticais.

Segundo Almeida Filho (2007:32) o professor de língua estrangeira deve ter uma formação consistente, continuada e refletida, que o permita ler e discutir ideias e resultados de pesquisa corrente sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, sendo assim, suficiente para garantir-lhes um nível adequado de profissionalismo.

Para Leffa (1988:214-215) “[...] saber responder prontamente a uma dúvida surgida em aula, [...] é mais importante do que saber pronunciar corretamente a mais simples das frases”. E como o professor saberá responder corretamente as dúvidas dos alunos se só utiliza um método de abordagem com eles?

Ainda para o mesmo autor (Leffa, 1988:215), uma abordagem tem como objetivo levar o aluno a apreciar a cultura e a literatura da língua estrangeira para que o aprendiz consiga adquirir um conhecimento mais profundo da sua primeira língua (materna) e assim desenvolver sua inteligência e capacidade de raciocínio.

Leffa (1988:216) acredita que o princípio fundamental da Abordagem Direta é que a LE se aprende através da segunda língua; pois a língua materna nunca deve ser usada na sala de aula, porque o aluno deve aprender a ‘pensar na língua’ através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução.

Por isso, é de extrema importância a didática do professor para o aluno, como podemos afirmar conforme Almeida Filho (2007:19) “qualquer que tenha sido o método usado pelos nossos professores quando começamos a aprender uma língua estrangeira, ele tenderá a se transformar na maneira ‘natural’ de aprender línguas”.

Tanto os métodos, bem como as abordagens teóricas a que são fundamentados, possuem características peculiares e cada um traz contribuições para o processo de ensino/aprendizagem de LE. De acordo com as necessidades dos aprendizes é que o professor vai utilizar uma ou outra metodologia, ou uma combinação de várias. As principais abordagens teóricas que fundamentam os diversos métodos de ensino destacam que o professor precisa ter um conhecimento amplo sobre elas para poder se

orientar e embasar sua prática em sala de aula. O profissional de ensino necessita saber o que está fazendo, e porque ensina da maneira como ensina, ou seja, ter em mente o que acredita sobre linguagem, abordagem teórica e metodológica, para que possa ter mais êxito na sua prática.

Conforme Rajagopalan, adotar uma postura crítica em relação ao ensino de uma língua como o inglês implica, antes de tudo, questionar a forma como certos valores culturais são transmitidos junto com o ensino de língua propriamente dita. Implica explicitar os verdadeiros motivos por trás de determinadas propostas pedagógicas do ensino de uma LE. É importante que professor seja crítico e reflexivo acerca das metodologias que adota nas aulas de LI.

E diante de tantas possibilidades de métodos, quais são as que os professores da nossa rede pública de Pontes e Lacerda utilizam?... Isto é que analisamos nas respostas dos entrevistados.

CAPÍTULO II

2. METODOLOGIA

O presente estudo desenvolveu-se a partir do desejo de conhecer mais a fundo sobre o recorte proposto. Ao iniciarmos nossa pesquisa, partimos primeiramente de uma contextualização do percurso histórico da Linguística Aplicada (LA) segundo o ponto de vista de Moita Lopes (1996); destacamos o conceito e importância do ensino de Língua Inglesa segundo Almeida Filho (2007); também explicitamos a visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio à respeito da Língua Estrangeira ressaltando o que cada um deles pensam a respeito da LI; incluímos o estudo dos métodos e abordagens de LI propostos por Oliveira (2014) e a partir de agora faremos uma breve apresentação do percurso de nossa pesquisa.

2.1 Pesquisa Interpretativista/Etnográfica

Nossa pesquisa utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista, que conforme Moita Lopes (1996:22) esse estudo vem se tornando cada vez maior não só por representar um foco de investigação diferente, revelador, de novas descobertas, mas também por avançar um tipo de método de pesquisa que pode ser adequado à natureza subjetiva do objeto das Ciências sociais, baseando-se na geração de dados que revela novas propostas de práticas docentes.

Moita Lopes (1996:88) ainda nos esclarece que a pesquisa etnográfica é uma descrição narrativa dos participantes (professores e alunos) na sala de aula, na tentativa de compreender os processos de ensinar/aprender línguas. Para fazer este tipo de pesquisa é necessário participar da aula como observador participante, escrever diários, entrevistar alunos e professores, gravar aulas em áudio e vídeo, etc.

E além da nossa bagagem teórica elaboramos um questionário para que os professores respondessem de acordo com as aulas que ministram. O objetivo de aplicar um questionário direcionado aos professores foi para identificar as noções dos docentes sobre os métodos predominantes aplicados nas aulas de LI.

Entramos em contato com quatro professores. Sendo “três” do Ensino Fundamental e “um” do Ensino Médio. Primeiramente, fomos na escola conversar com cada um deles e saber se aceitariam colaborar com nossa pesquisa. Mas, ao chegarmos na primeira escola fomos recebidos pela coordenadora que já perguntou se iríamos fazer estágio. Dissemos que não, mas pela fisionomia dela nossa presença não era bem vinda.

Ao explicarmos nosso objetivo aos professores, eles concordaram em participar, e sugerimos que cada professor levasse o questionário para ser respondido em casa, pois em virtude do fechamento dos diários na escola não poderiam responder rapidamente. Demos o prazo aos professores de uma semana para que eles não ficassem sem responder as questões, entretanto tivemos algumas dificuldades que iremos relatar.

Por questão ética, os nomes dos entrevistados não foram citados, e atribuímos para eles a nomeação de Professor A, Professor B, Professor C, e Professor D. Os professores A, B e C são docentes no Ensino Fundamental e o educador D leciona no Ensino Médio.

O primeiro professor entrevistado é da escola São José (professor A), este não quis levar o questionário para ser respondido em casa, pois nos disse que trabalha em duas escolas e se fosse levado o questionário para sua casa “seria mais um papel acumulado” porque estava ocupado demais planejando aulas e corrigindo provas. Esse docente respondeu as perguntas em um único dia, no intervalo das tarefas em sala e no recreio.

O professor B da escola Vale do Guaporé nos recebeu muito bem e concordou em participar da nossa pesquisa, e disse que precisava de quatro dias para responder as questões. Passado esses dias, retornamos a escola e o professor nos parabenizou pelo recorte escolhido e disse que deveria ser divulgado a todos os professores da área para que não ficasse apenas arquivado na Biblioteca da Unemat.

O professor C da escola Dormevil Faria concordou também imediatamente em participar e pediu o prazo de uma semana. Após esse tempo, quando chegamos a escola o professor disse que não havia respondido ainda porque estava corrigindo “um monte de provas” do 9º ano. E pediu o prazo de mais uma semana.

Já o professor D do Ensino Médio a primeiro momento disse que tinha muita coisa para fazer, mas que “ia dar uma força” para nossa pesquisa. O docente pediu então um prazo de uma semana. Encerrado o prazo, quando chegamos a escola para perguntar do questionário, o docente disse que havia esquecido em casa e só ia trazer no dia em que tivesse aula na escola. Esperamos mais alguns dias e só depois de três semanas foi entregue o questionário. No momento de espera criou certo desânimo de nossa parte, e inquietações como “Será que o professor acha que nós queremos tomar o lugar dele?” ou que “Nós achamos que ele não dá aula direito, e por isso estamos querendo saber sua metodologia de ensino?” “Será que estamos sendo invasivos demais?”.

Vimos nessa pesquisa, que ainda existe um certo temor por parte de alguns professores (como no caso do professor C) em colaborar com a pesquisa, haja vista que supomos que eles tenham medo de nós os avaliarmos, critica-los, ou até mesmo faltar a ética e espalhar o nome deles para outras pessoas.

Vale destacarmos conforme Telles (2002:98) diz que “nós como pesquisadores adquirimos a função de conselheiro, cujo papel é de orientar, refletir e discutir juntamente com o professor sobre sua prática pedagógica”. Ou seja, não vamos a escola para criticar as aulas do professor, e sim para nós futuros graduados conhecermos a realidade que nos espera.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS

Através do questionário entregue conhecemos quais as perspectivas dos professores em relação ao ensino de Língua Inglesa e quais os métodos que eles utilizam em sala de aula.

A primeira questão que elaboramos foi em relação ao nível de escolaridade do professor. Vejamos:

1. Qual seu nível de escolaridade?

Professor A: *Especialização*

Professor B: *Especialista (Especialização em Metodologia da Língua Inglesa)*

Professor C: *Especialização em Psicopedagogia*

Professor D: *Pós-graduação*

Nota-se que os quatro professores entrevistados possuem especialização em alguma área específica, mas apenas o professor B e o professor C descreveu a formação detalhadamente.

A segunda questão concentrou no desejo de se conhecer quanto tempo de docência cada professor tem na área de ensino:

2. Quanto tempo de experiência docente?

Professor A: Em Língua Estrangeira: *07 anos* / Em outras disciplinas: 08 anos

Professor B: Em Língua Estrangeira: *10 anos* / Em outras disciplinas: –

Professor C: Em Língua Estrangeira: *12 anos* / Em outras disciplinas: 07 anos

Professor D: Em Língua Estrangeira: *5 anos* / Em outras disciplinas: 1 ano

É interessante explicitarmos o tempo de experiência docente em Língua Estrangeira, visto que acreditamos que influencia nas respostas. Resumindo: O professor A tem 7 anos de experiência em LE, professor B 10 anos, professor C 12 anos, professor D 5 anos. O tempo de experiência em outras disciplinas só foi

perguntado apenas para compararmos se era o mesmo período que na disciplina de LI, e como vimos, apenas o professor A tem mais tempo em outras disciplinas.

Na terceira questão, os docentes classificaram seus alunos entre idade e série que frequentam:

3. Caracterize os alunos de sua turma quanto:

Professor A: Idade: *11 a 15 anos* Série que frequentam atualmente: *7º ao 9º ano*

Professor B: Idade: *10 a 16 anos* Série que frequentam atualmente: *6º ao 8º ano*

Professor C: Idade: *11 a 14 anos* Série que frequentam atualmente: *6º a 9º ano*

Professor D: Idade: *14 a 20 anos* Série que frequentam atualmente: *1º, 2º, 3º EM*

Em geral, os discentes que pertencem a disciplina de Língua Inglesa têm entre 10 a 20 anos e cursam entre o 6º e 9º ano do Ensino Fundamental e 1º a 3º ano do Ensino Médio.

Quando questionados a respeito dos cursos de formação em Língua Inglesa os professores tiveram as respostas diversificadas. Vejamos:

4. Quais os cursos de capacitação que você fez ou está fazendo que tenham ajudado você a desenvolver seu trabalho? De que forma?

Professor A: *Tics e myElt – O primeiro a uso da tecnologia na educação e o segundo aperfeiçoamento em Língua Inglesa.*

Professor B: *Curso de idiomas, contribui diretamente com a atuação em Língua Inglesa; Sala do educador, pois pesquisamos meios de minimizar os problemas do dia-a-dia; TICS – para usar as novas tecnologias durante as aulas.*

Professor C: *O curso de língua Inglesa da Wizard e quando tem cursos de língua Inglesa na Unemat.*

Professor D: *Curso intensivo de língua inglesa, curso de extensão de língua inglesa, inglês instrumental, cursos online, etc...*

Observemos que os quatro professores se capacitam em diferentes formas para darem aulas: cursos online, uso de tecnologias, etc. Mas o que nos chamou mais a

atenção foi a resposta do Professor B que deixa claro a sua preocupação em “minimizar os problemas dia-a-dia” através do uso das reuniões com os outros professores na Sala do educador buscando incessantemente por novas técnicas de ensino.

De acordo com Martinez (2011) a necessidade de comunicação entre as pessoas que não falam a mesma língua nunca foram tão intensas. É o caso, por exemplo, da globalização, das migrações e intercâmbios turísticos. Tendo em vista esse processo de globalização, perguntamos aos professores se eles acham importante o ensino de LI, e as repostas foram estas:

5. Você acha importante o ensino de Língua Inglesa? Explique o porquê.

Professor A: *Sim, pois vivemos em um mundo globalizado e por ser a segunda língua mais falada no mundo, precisamos instigar nossos educandos a fazer parte desse meio social.*

Professor B: *Sim... Convivemos com a Língua Inglesa, é só olhar á nosso volta e observar o quanto precisamos do Inglês (ao nos depararmos com tecnologias, em roupas, nos manuais de instruções, concursos, comunicação).*

Professor C: *Sim. Porque a Língua Inglesa é uma língua “mundial” e atualmente a globalização exige isso.*

Professor D: *Sim, muito importante, pois a língua inglesa está presente no nosso dia-a-dia de várias formas.*

De acordo com as respostas acima, vimos que os quatro professores têm a concepção de que o inglês é indispensável nos dias de hoje. Podemos confirmar esse depoimento quando Lima (2009:9) afirma que a necessidade de aprender a língua inglesa (LI) tem se justificado pela exigência de dialogar com um mundo sem fronteiras, e esse processo acelerado tem exigido que os professores se qualifiquem e se preparem para acompanhar a evolução deste mundo, pois sabemos que os alunos usam mais os meios tecnológicos que os docentes, e os professores não podem ficar para trás nessa evolução.

Ao perguntarmos se os professores seguem algum roteiro ou cronograma de suas aulas, estes deram as seguintes respostas:

6. Você segue algum cronograma? Roteiro?

Professor A: *Basicamente sim, porém alterna com interpretação textual, métodos dedutivos com figuras e internalização do assunto abordado.*

Professor B: *Sim. O planejamento anual, a partir do qual fazemos os planos diários. Meus planos são diversificados, não sigo sempre o mesmo roteiro.*

Professor C: *Sim.*

Professor D: *Sim. Currículo escolar, ementa e cronograma próprio que desenvolvi para melhor execução de atividades em sala de aula.*

Podemos notar que o professor A usa métodos com figuras e geralmente alterna em seus tipos de avaliações, já o professor B faz um planejamento anual eletrônico e nunca segue o mesmo roteiro. E o professor C não sentiu vontade de explicar detalhadamente como é o seu roteiro de aula. Já o professor D do ensino médio disse que ele próprio desenvolveu o roteiro porque acha que há um melhor resultado nas atividades em sala de aula.

Na sétima questão, perguntamos quais os tipos de materiais que o professor utiliza, e as respostas foram as seguintes:

7. Quais tipos de materiais você utiliza? Livro didático? Datashow? Dicionário?

Professor A: *Todos esses meios didáticos são utilizados e proveitoso no dia-a-dia de sala de aula.*

Professor B: *Investi em Datashow (vídeos, slides...), uso também algumas atividades do livro didático, xerox de atividades planejadas por mim mesma ou de materiais extras.*

Professor C: *Todos esses e meus materiais que montei durante meus anos de trabalho.*

Professor D: *Livros didáticos, Datashow, dicionário, apostila, material impresso, CD, DVD, notebook, etc...*

Percebemos que os professores com mais tempo de experiência docente como o professor B (10 anos) e o professor C (12 anos) elaboram materiais próprios, pois supomos que estes já conhecem as dificuldades dos alunos, e estão familiarizados com os entraves dos discentes.

Vimos na questão oito que os docentes além de fazerem cursos de idiomas, cursos online e cursos de extensão para se habilitarem, também acreditam que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula, pois de acordo com cada um:

8. Você acredita que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula? Justifique sua resposta.

Professor A: *Sim, porém nas escolas públicas esses meios ainda são precários.*

Professor B: *Sim. Os alunos convivem muito com as novas tecnologias e estes meios são os que ainda chamam a atenção dos alunos.*

Professor C: *Ajudam muito, mas é algo que exige muito tempo para preparar e levar para sala de aula.*

Professor D: *Sim, ajudam muito. Contribuem para o melhor desenvolvimento da aula e do ensino aprendizagem, prendem a atenção dos alunos e facilitam a mediação professor/aluno.*

Notemos que as respostas foram afirmativas: Sim, os meios multimídias ajudam no processo de desenvolvimento da aula, porém de acordo com a resposta do professor A parece que há pouco investimento nesses materiais, pois estes existem em pequena quantidade. O professor B afirma que esses meios são os que mais chamam a atenção dos alunos, mas do ponto de vista do professor C estes meios exigem muito tempo de preparo e o professor C quase não tempo para isso.

No momento em que fora perguntado a respeito das dificuldades que o professor encontra para o ensino de língua inglesa em termos de aprendizagem e técnicas de ensino, os professores forneceram essas respostas:

9. Quais as principais dificuldades que você encontra para o ensino de língua inglesa, em termos de aprendizagem e técnicas de ensino?

Professor A: *A principal dificuldade é a falta de interesse dos alunos e fazer com que eles entendam que aprender uma segunda língua seja algo importante e outra dificuldade é o número excessivo de alunos que atrapalham no aprendizado.*

Professor B: *Não conseguimos ensinar devido à falta de interesse, a maioria não querem aprender, e veem à escola como o lugar de encontrar os amigos e se divertir; indisciplina; agressão e assim nenhuma técnica funciona.*

Professor C: *O que mais dificulta é a falta de dedicação dos alunos e a falta de acompanhamento dos pais. A falta de material diferenciado também dificulta.*

Professor D: *As maiores dificuldades existem devido ao grande número de alunos em sala de aula e quantidade de hora/aula que é mínima.*

Nota-se que o número de alunos por sala dificulta o ensino da disciplina de LI segundo o Professor A (do ensino fundamental) e o Professor D (do Ensino Médio). O professor C acredita que a falta do acompanhamento dos pais auxilia no processo de dedicação do aluno. Já o ponto de vista do professor B é que os alunos enxergam a escola apenas como o lugar de brincadeira e diversão e com a indisciplina e provocações nenhum procedimento funciona.

Podemos citar Lima (2011:24) quando o autor declara que existem alunos que “passam pela escola como zumbis, sem nada ver nem ouvir, no máximo como espectadores de um show a que são obrigados a assistir, talvez por obediência aos pais, assistindo a uma aula como se estivessem prestando um favor”. Ou seja, Lima se refere nesse fragmento que os alunos vão a escola somente por obrigação do pai ou da mãe, e ao chegar na sala de aula ficam parado, não perguntam e não questionam nada e acham que estão fazendo uma gentileza pra família de não ficar em casa.

Perguntamos se os professores tem dificuldade em ensinar e buscar conhecimento na área de LE, e obtivemos essas respostas:

10. Você encontra dificuldades em ensinar a Língua Estrangeira? (Dificuldade no que tange a aceitação dos alunos quanto a necessidade deles em buscar conhecimento nesta área).

Professor A: *Sim como afirmei na questão anterior.*

Professor B: *Sim, esta dificuldade devido à postura do aluno e que dificulta o trabalho do professor.*

Professor C: *A maioria dos alunos não se esforçam, primeiro porque eles não tem contato com língua estrangeira todos os dias e segundo que são poucos os pais que incentivam.*

Professor D: *Sim, mas apenas na 1ª série do Ensino Médio.*

Analisando as respostas, o professor A apenas afirmou que sim, pois já havia dito na questão 9 que tem dificuldades pelo fato da sala de aula ter um número de alunos e pela falta de vontade do aluno. O professor B disse que o modo como o aluno age dificulta o trabalho do professor, pois os discentes são indisciplinados e pouco comprometidos com a disciplina. Já o professor C relata que os alunos não fazem questão de se esforçarem porque não têm contato com a LE todos os dias e são pouco os pais que estimulam o ensino. E o professor D disse que a dificuldade é apenas no ensino médio, talvez seja porque os alunos sejam adolescentes e também não entendam a importância da disciplina.

Na questão onze foi perguntado a respeito do processo de evolução do discente, visto que é de extrema importância para o nosso conhecimento saber de que forma o professor acompanha e registra o desenvolvimento do aluno. Vejamos quais foram as respostas:

11. Como você acompanha e registra o desenvolvimento de seu aluno?

Professor A: *Através de atividades avaliativas.*

Professor B: *Em meu caderno de anotações, no diário on-line, e nas fichas individuais dos alunos que são preenchidas no conselho de classe.*

Professor C: *Através de tarefas de casa, atividades propostas em sala de aula, organização do caderno e de vez em quando aplico uma prova.*

Professor D: *No “caderno de campo”. Registro todas as atividades aplicadas, avaliação, comportamento dos alunos, etc; registro no “caderno de campo” todo o desenvolvimento de cada aluno e todas as aulas.*

De acordo com as respostas acima, o professor A, acompanha o desenvolvimento do aluno com atividades avaliativas, ou seja, atribuindo nota pelo sua tarefa. Já a resposta do professor B fica visto que ele anota todos os passos do aluno em um caderno de anotações. O professor C afirma que “de vez em quando aplica uma prova”, pois os alunos são mais avaliados pela organização do caderno e atividades feitas em casa. O professor D nos afirma que leva em consideração até o comportamento dos alunos.

Poderíamos sugerir que os educadores aplicassem o método da Abordagem Natural (Oliveira, 2014:141), no qual os alunos podem optar em falar a língua-alvo (inglês) ou sua língua materna (português) ficando ao cargo do professor só corrigir erros dos alunos se eles se atrapalharem na comunicação. A técnica da abordagem TPR, na qual os alunos usam os movimentos corporais como mecanismos de aprendizagem de línguas também contribuem bastante, pois, a nosso ver, facilita a compreensão do aluno.

Há um dito que os cursos particulares de língua inglesa são melhores do que o ensino na escola pública. Pensando nisso, elaboramos uma pergunta na qual perguntamos qual a opinião dos professores a respeito dos cursos particulares de LI, e obtivemos as seguintes palavras:

12. Em sua opinião, os cursos particulares de Língua Inglesa são melhores do que o ensino na escola pública?

Professor A: *Não, basicamente possuem o mesmo conteúdo.*

Professor B: *Sim. Nos cursos geralmente temos alunos que querem, que estão preocupados com a aprendizagem, os pais são mais presentes, poucos alunos por sala.*

Professor C: *Na verdade em ambos depende muito do professor, mas nos cursos particulares há um rendimento melhor devido a quantia de alunos.*

Professor D: *Sim, mas pelo fato de os cursos particulares disponibilizarem maior número de aulas em horário opcional e também por formarem turmas com um número apropriado de alunos.*

Refletindo sobre o ponto de vista dos professores, O docente A diz que os cursos particulares não são melhores do o ensino público, visto que os dois possuem o mesmo conteúdo. Já o professor B discorda totalmente do professor A ao afirmar que os cursos particulares são sim melhores porque os pais incentivam os alunos e os discentes se interessam mais na aprendizagem. O professor C acredita que depende do professor, da maneira como ele trabalha, mas também observa um rendimento maior pelo fato dos alunos serem em pequena quantidade. E o professor D declara que os cursos particulares oferecem mais horários do que na escola pública.

Segundo Lima (2011:77), muitas vezes, os alunos dizem que sabem falar “o básico”, ou que fizeram um “curso básico”. Entretanto, esse “básico”, na maioria das vezes, significa que eles podem ler alguma coisa e responder a perguntas simples. Desse modo, acredito que o ensino de língua inglesa deve ir além desse “básico” para fazer algum sentido para o aluno.

A questão treze revela o particular de cada professor a respeito de dar aula de língua inglesa; as respostas na maioria são positivas. Veremos a seguir:

13. O que te faz gostar de ser um professor de Língua Inglesa?

Professor A: *Gosto do fato de saber que um educando se sente feliz em conhecer uma outra cultura.*

Professor B: *Eu gosto e admiro a Língua Inglesa, gosto de ser professora, eu escolhi esta profissão, mesmo me deparando com tantas dificuldades para ministrar minhas aulas. Não sei me apaixonei por esta profissão, não tem muita explicação, é difícil explicar os sentimentos.*

Professor C: *Eu sempre gostei de aprender novas línguas, mas o que me encanta e ver o progresso que as turmas apresentam principalmente os 6º anos.*

Professor D: *Gosto de poder transmitir meus conhecimentos e também poder aprender com meus alunos e principalmente por saber que a língua inglesa*

pode e amplia minhas possibilidades para o conhecimento e para várias áreas de minha vida.

Verificamos de acordo com as respostas que os professores A, B, C do ensino fundamental e o professor D do ensino médio gostam do fazer, gostam de ver o progresso do aluno e como afirma Martinez (2009:10) “este é o papel do professor ‘facilitador’ da apropriação, do processo que visa assimilar um objeto linguístico, adaptando-o àquilo que se quer fazer com ele.” O professor deve ajudar, adequando o aluno aos seus métodos de aprendizagem.

Um professor tem que ter vocação para exercer a profissão, para poder vivenciar o prazer e alegria de suas realizações, os quais, seguramente virão, em consequência de esforço, comprometimento e dedicação. Mas, como afirma Lima (2011:182-183) este não é um ofício pra qualquer um.

Apesar dos professores gostarem de dar aula de língua inglesa, às vezes acontece alguns empecilhos como a relação que o aluno têm com o professor, como podemos afirmar abaixo:

14. Como é sua relação com os alunos?

Professor A: *Com os que gostam de aprender tenho uma relação amigável.*

Professor B: *Temos alunos e alunos, tenho bom relacionamento com todos, mas durante as aulas tenho “problemas” com os que não respeitam as regras, não querem estudar...*

Professor C: *Ao meu ver temos uma relação amigável.*

Professor D: *Em geral agradável.*

Há um subentendido que o professor A só se relaciona bem com “aqueles alunos que gostam de aprender”, ou seja, os discentes que não gostam a relação é menos tolerante. De acordo com o professor B a relação é meio conturbada com aqueles que não querem estudar ou que não respeitam as regras. O professor C e o Professor D consideram que tem uma relação agradável.

A questão quinze é a uma das questões principais dessa pesquisa, pois com ela sabemos qual abordagem o professor utiliza. As respostas foram as seguintes:

15. Levando em consideração as respostas anteriores, você se classifica como um professor preocupado com sua prática em sala de aula? Qual seu método de ensino? Parte de alguma abordagem?

Professor A: *Sou preocupada com o aprendizado de meus educandos, gosto do método indutivo *skimming and scanning*.*

Professor B: *Sim. Uso vários métodos, tento trabalhar as quatro habilidades, mas o *speak*, dentro da abordagem comunicativa, tem sido mais difícil avançar.*

Professor C: *Minha abordagem é construtivista dando aos meus alunos oportunidades de rever seus conceitos e tentar mudar algo que não esteja dando certo.*

Professor D: *Sim, me considero preocupada com minha prática.*

Com as respostas acima, verificamos que o professor A não sabe a diferença entre método e abordagem, pois confunde com técnica de leitura. Muitos dos professores atuantes não têm consciência do que seja abordagem e metodologia a ponto de basear as práticas.

Bortoletto (2010) nos esclarece que *Skimming* e *Scanning* são diferentes estilos de leituras. Sendo que *Scanning* é uma habilidade que ajuda o leitor a obter informação de um texto sem ler cada palavra, ou seja, é uma rápida visualização do texto como um scanner faz quando, rapidamente, lê a informação contida naquele espaço. *Scanning* envolve mover os olhos de cima para baixo na página, procurando palavras chaves, frases específicas ou ideias já conhecidas. Já o segundo tipo de leitura *Skimming* é o processo que permite ao leitor identificar rapidamente a ideia principal ou o sentido geral do texto. O uso do *Skimming* é frequente quando a pessoa tem muito material para ler em pouco tempo. Geralmente a leitura no *skimming* é realizada com a velocidade de três a quatro vezes maior que a leitura normal. Diferentemente do *scanning*, a técnica de leitura com *skimming* é mais abrangente; pois exige conhecimento de organização de texto, percepção de dicas de vocabulário, habilidade para inferir ideias e outras habilidades de leitura mais avançadas.

O professor B diz que utiliza métodos variados, mas pratica mais o *speak* (conversa) dentro da “abordagem comunicativa”, porém este método é mais complicado de avançar. Nota-se que o professor B também parece perdido em relação ao que seja método e abordagem. Propomos então o ponto de vista de Oliveira (2014:152) quando afirma que o professor que utiliza a abordagem comunicativa precisa ajudar seus alunos a se conscientizarem da importância de adequar seus enunciados à situação em que se encontram, como por exemplo, se os discentes tiverem que pedir alguma comida no restaurante ou passar uma informação para alguém, os educandos devem saber como agir, que termos usar, e o docente é responsável por ensinar isso.

Da mesma forma, o professor C diz que parte da abordagem construtivista, no qual os alunos examinam seus próprios conceitos e podem mudar o que não está dando certo. Mas podemos discordar desse docente, pois essa prática não é uma abordagem porque segundo o site Portal Educação (2013) “a relação do aluno sobre o objeto do conhecimento é que direciona o construtivismo, ou seja, o indivíduo aprende agindo sobre o saber, experimentando, manipulando”. A aprendizagem gera conhecimento, no qual se busca o desenvolvimento lógico das estruturas cognitivas. O professor que utiliza essa abordagem está sempre incentivando os alunos a pesquisarem e valorizarem muito os vários tipos de materiais que possam ser utilizados nas suas atividades ou brincadeiras.

O professor D disse apenas que se preocupa com sua prática metodológica, porém não quis relatar qual utiliza. E com isso podemos nos questionar: será que o docente não sabe qual método pratica em sala? Ou não quis relatar por medo de alguma crítica ou por não compreender nada do assunto?. Mais uma vez fica comprovado que os professores não sabem a diferença entre os termos.

Na questão dezesseis, pedimos aos professores sugestões de melhoria da educação de língua inglesa e as respostas foram estas:

16. Quais as suas sugestões para melhoria da Educação de Língua Inglesa?

Professor A: (Deixou a resposta em branco, e ao ser interrogado o porquê de não responder, nos disse que não sabia o que sugerir sobre melhoria do ensino).

Professor B: *Conscientizar os alunos da importância da aprendizagem de forma geral; investir em tecnologias para sala de aula.*

Professor C: *Livros paradidáticos que possam ser trabalhados de acordo com as idades (séries e DVDs principalmente para 8º e 9º ano).*

Professor D: *1 – Diminuir o número de alunos em sala de aula; 2 – Aumentar a quantidade aulas para pelo menos 2h/aula por semana; 3 - Disponibilizar material adequado e acesso aos mesmos.*

O professor A disse que não tem o que sugerir para a melhora do ensino, pois a sugestão dele não mudaria o ensino. “Prefiro não responder”, essa foi a resposta que ouvimos. Já o professor B disse que é preciso investir nas tecnologias em sala de aula e estimular os discentes da importância do inglês. O professor C sugeriu que os livros didáticos venham para as escolas de acordo com idade e série. Supomos que o professor C indicou esse tipo de melhoria é porque deseja utilizar os CDs e DVDs para que os alunos se sintam mais entusiasmados. O professor D do Ensino Médio sugeriu que diminua o número de alunos por sala, que aumente a quantidade de aulas e disponibilize material adequado do mesmo modo que Lima (2011:156) afirma que “o governo deve apoiar o professor fortalecendo o ensino através do aumento da carga horária, do salário dos professores e de recursos como livros didáticos, recursos audiovisuais e acesso a novas tecnologias para que o ensino seja solidificado”.

Surgiu-nos uma curiosidade e elaboramos uma pergunta na qual buscamos verificar se os professores são discriminados pela a escola, alunos ou colegas de outras disciplinas. As respostas foram variadas. Reflitamos:

17. Você acha que o professor de Língua Inglesa é discriminado pela escola, pelos alunos ou pelos próprios colegas? Explique o porquê.

Professor A: *As vezes, porque os alunos não demonstram aprendizado e culpam o professor por isso.*

Professor B: *Não de modo geral, apenas por aqueles alunos que não querem e jogam a culpa em alguém (nós).*

Professor C: *Não.*

Professor D: *Penso que o professor de língua inglesa e a disciplina não tem o devido valor. Há até alunos que pensam que o inglês não deve ser disciplina obrigatória no currículo escolar.*

Notemos que o professor A acha os docentes são discriminados as vezes quando o aluno não se importa com a disciplina e culpa o educador por isso. Já o professor B afirma que não é de modo generalizado que ocorre, e sim pelos alunos que não querem aprender. O professor D trabalha com o ensino médio e nos relata que têm alunos que pensam que o inglês não deve ser disciplina obrigatória no currículo escolar.

De acordo com Lima (2011:21) “antigamente criticava-se um professor porque ele tinha conhecimento, mas não tinha didática”. Hoje, conforme as respostas anteriores dos entrevistados percebe-se que o educador corre atrás do seu crescimento profissional e ainda assim continua sendo discriminados pela disciplina que escolheram.

Na pergunta dezoito, procuramos saber o que os professores pensam a respeito da carga horária das aulas de LI, será que a quantia disponibilizada satisfaz o aprendizado do aluno?. Verifiquemos as repostas:

18. Você acha que a carga horária das aulas de inglês são suficientes para o aprendizado do aluno?

Professor A: *Não.*

Professor B: *Não. Imagino apenas duas horas semanais para o ensino fundamental, em salas superlotadas.*

Professor C: *Não.*

Professor D: *Como já mencionei antes, não.*

De acordo com as respostas acima, os quatros professores concordam que a carga horária das aulas não são suficientes, tendo em vista que outras disciplinas como o Português e Matemática são disponibilizadas mais aulas.

Na pergunta dezenove, procuramos saber dos professores o que seus alunos têm mais dificuldade. Vejamos as respostas:

19. No que seus alunos têm mais dificuldade? Na escrita, na pronúncia, ou na tradução? Por que você acha que ocorre esse tipo de dificuldade?

Professor A: *Na escrita, porque querem aprender somente em sala e não praticam fora da aula.*

Professor B: *Na pronúncia, pois é praticamente impossível trabalhar a pronúncia nestas salas lotadas, com alunos indisciplinados.*

Professor C: *Na pronúncia, pois a carga horária é pouca e são muitos alunos na sala.*

Professor D: *Na pronúncia, isso ocorre pelo fato de as aulas serem pouquíssimas e nos dedicarmos mais a leitura, uma vez que é o que mais necessitam para prestar concursos como vestibular, por exemplo.*

Na maioria, as dificuldades dos alunos giram em torno da pronúncia segundo as respostas acima, e novamente é enfatizado que a carga horária é muito pouca e a lotação das salas dificulta o aprendizado. Muitas vezes, a dificuldade do aluno é maior porque ele mesmo não se interessa em praticar em casa.

A última questão foi elaborada para termos uma noção se os alunos têm capacidade de entender a importância do ensino de língua inglesa. Segundo a visão dos entrevistados:

20. Em sua opinião, você acredita que os alunos têm consciência da importância do ensino de Língua Inglesa?

Professor A: *Não, somente chega a um consenso quando vão para a faculdade.*

Professor B: *Sim, principalmente a minoria que são "os alunos" estudiosos... Mas os que não querem, os que tem muitos problemas familiares e não aceitam nem pensar no assunto.*

Professor C: *Alguns sim.*

Professor D: *A maioria sim.*

O professor A acha que os alunos não têm essa consciência do valor da LI e só entendem essa importância no momento que fazem um curso superior. Já o professor B diz que os alunos considerados estudiosos têm sim esse conhecimento e só não o possuem aqueles que não querem aprender por si próprio ou não conseguem porque têm problemas demais na família. Já o professor C diz que são “alguns” e o professor D diz que é “a maioria”.

Constatamos nessa pesquisa que os professores gostam de ensinar, preparam suas aulas, tentam diversificar a rotina de ensino, mas devido o pouco tempo que tem de preparar os planos de aula e o desinteresse do aluno fazem os docentes ficarem um pouco desmotivados. Contudo, os docentes fazem o possível para que seus alunos aprendam usando meios multimídias como o Datashow, dicionários, inglês instrumental e com o passar dos anos os docentes preparam os próprios materiais da maneira mais acessível ao desenvolvimento do aluno. Porém o professor atuante de Língua Inglesa ainda não compreende a diferença entre método e abordagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho realizamos a análise de um questionário com vinte questões distribuído á quatro professores da rede pública do município de Pontes e Lacerda com o intuito de identificar quais os métodos mais predominantes nas aulas de Língua Inglesa. Procuramos determinar quais são as dificuldades que os profissionais de LE enfrentam, quais materiais de apoio ele utilizam, como eles registram o desenvolvimento do aluno e como é a relação entre eles, e se o docente é preocupado com a metodologia de ensino.

Com base na pesquisa realizada, verificamos que o graduando em Letras parece incomodar com perguntas e incitações como se estivéssemos querendo “copiar sua forma de dar aula”. Mas, em momento algum este trabalho foi desenvolvido para criticar a maneira que o professor trabalha em sala de aula, e sim para fazermos considerações partindo da nossa bagagem teórica e refletirmos sobre os métodos.

A resistência por parte dos professores em relação à pesquisa nos leva a entender que o professor que está atuando não é um professor pesquisador, porque se assim fosse não teria medo de ser pesquisado.

A pesquisa também mostra que os professores não sabem qual metodologia estão utilizando, pois confundem técnicas de leitura como (Skimming e Scanning) com abordagem comunicativa. O que parece é que os docentes não sabem diferenciar abordagem de metodologia a ponto de basear suas práticas.

Entretanto, apesar de não terem conhecimento dos termos (método/abordagem), os profissionais de LI fazem o possível para o aprendizado do aluno elaborando aulas com vídeos, slides, músicas, atividades extras e materiais de anos de trabalho. E ainda que haja pouca carga horária; salas superlotadas; desinteresse do aluno; falta de acompanhamento dos pais; falta de materiais de apoio ao professor, o educador não abandona sua sala de aula porque afirma que gosta do que faz e entende a importância do ensino de língua inglesa em sala de aula.

Para finalizar, ressaltamos que foi de extrema importância as contribuições dos professores participantes da entrevista, pois houve a compreensão da situação real de ensino e desejamos que através desse trabalho consigamos de alguma maneira colaborar no processo de metodologias de ensino de LI, destacando que nossa pesquisa pode servir como guia para outros professores.

REFERÊNCIAS

Abordagem construtivista. Artigo postado por Colunista Portal - Educação no dia 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/27313/abordagem-construtivista#!1>>. Acesso dia 05 de novembro de 2014 as 23h46min.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada** – Ensino de Línguas e Comunicação. Campinas, SP: Pontes Editores e ArteLíngua, 2ª edição, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p.

_____. Conhecimentos de Língua Estrangeira Moderna. (p.25-32). IN: **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias – parte II. 2000.

_____. Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio.** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso dia 10 de Setembro de 2014 as 09h30min.

BORTOLETTO, Galaor. **Técnicas de Leitura: Skimming e Scanning.** Publicado no dia 1 de janeiro de 2010. Disponível em: < <http://www.galaor.com.br/tecnicas-de-leitura/>>. Acesso dia 5 de novembro de 2014 as 22h10min.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching.** New York: oup, 1986.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. (p. 211-236). In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: **O ensino de línguas estrangeiras.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

LIMA, Diógenes Cândido de. (org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversa com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Inglês em escolas públicas não funciona?**

Uma questão, múltiplos olhares. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 214p.

MARTINEZ, Pierre. **Didáticas de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 112p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo de. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

_____. A Transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada?. (p.101-114). IN: SIGNORINI, Inês & CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

MUNDO VESTIBULAR. **300 palavras em Inglês que conhecemos por causa da Globalização**. Postado em 26/09/2008 as 01h30min. Disponível no site: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/5045/1/300-palavras-em-Ingles-que-conhecemos-por-causa-da-Globalizacao/Paacuteginal.html>>. Acesso dia 29 de outubro de 2014 as 21h25min.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2014. 216p.

Orientações Curriculares para a Educação Básica do Estado de Mato Grosso. 160 páginas.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. (Org.). **Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências**. Campinas, SP: Pontes, Minas Gerais: Departamento de Letras Anglo Germânicas – UFMG, 1996.

TELLES, João A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. (p.91-116). IN: **Linguagem & Ensino**, Vol. 5, Nº. 2, 2002. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/238>>. Acesso dia: 17 de Setembro de 2014 as 20h25min.

ANEXOS

PROFESSOR "A"

QUESTIONÁRIO

Caro professor(a), esta pesquisa é um instrumento de coleta de informações à respeito da realidade do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

O objetivo é fazer um levantamento dos métodos utilizados em sala de aula e propor medidas mais significativas. Para tanto, não é necessário se identificar, basta responder as questões com objetividade.

Grata por sua participação.

1. Qual seu nível de escolaridade?

Especialização

2. Quanto tempo de experiência docente?

Em Língua Estrangeira: 07 anos

Em outras disciplinas: 08 anos

3. Caracterize os alunos de sua turma quanto:

Idade: 11 a 15 anos Série que frequentam atualmente: 7º ao 9º ano

4. Quais os cursos de capacitação que você fez ou está fazendo que tenham ajudado você a desenvolver seu trabalho? De que forma?

Tics e myÉlt - O primeiro o uso da tecnologia na educação e o segundo aperfeiçoamento em língua inglesa.

5. Você acha importante o ensino de Língua Inglesa? Explique o por quê.

Sim, pois vivemos em um mundo globalizado e por ser a segunda língua mais falada no mundo, precisamos instigar nossos educandos a fazer parte desse meio social.

6. Você segue algum cronograma? Roteiro?

Basicamente sim, porém alterno com interpretação textual, métodos dedutivos com figuras e internalização de assunto abordado.

7. Quais tipos de materiais você utiliza? Livro didático? Datashow? Dicionário?

Todos esses meios didáticos são utilizados e previsto no dia-a-dia de sala de aula.

8. Você acredita que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula? Justifique sua resposta.

Sim, porém nas escolas públicas esses meios ainda são precários.

9. Quais as principais dificuldades que você encontra para o ensino de língua inglesa, em termos de aprendizagem e técnicas de ensino?

A principal dificuldade é a falta de interesse dos alunos e fazer com que eles entendam que aprender uma segunda língua seja algo importante, e não outra dificuldade é o número excessivo de alunos que atrapalham no aprendizado.

10. Você encontra dificuldades em ensinar a Língua Estrangeira? (Dificuldade no que tange a aceitação dos alunos quanto a necessidade deles em buscar conhecimento nesta área.)

Sim como afirmei na questão anterior.

11. Como você acompanha e registra o desenvolvimento de seu aluno?

Através de atividades avaliativas.

12. Em sua opinião, os cursos particulares de Língua Inglesa são melhores do que o ensino na escola pública?

Não, basicamente pensam o mesmo conteú-
do.

13. O que te faz gostar de ser um professor de Língua Inglesa?

Gosto do fato de saber que um educando se
sente feliz em conhecer uma outra cultura.

14. Como é sua relação com os alunos?

Com os que gostam de aprender tenho uma
relação amigável.

15. Levando em consideração as respostas anteriores, você se classifica como um professor preocupado com sua prática em sala de aula? Qual seu método de ensino? Parte de alguma abordagem?

Sou preocupada com o aprendizado de meus edu-
candos, gosto de métodos indutivos ~~high~~ ^{high} ~~learning~~ ^{learning} and
learning.

16. Quais as suas sugestões para melhoria da Educação de Língua Inglesa?

17. Você acha que o professor de Língua Inglesa é discriminado pela escola, pelos alunos ou pelos próprios colegas? Explique o porquê.

Os alunos, porque os alunos não demonstram
aprendizado e culpam os professores por isso.

18. Você acha que a carga horária das aulas de inglês são suficientes para o aprendizado do aluno?

não.

19. No que seus alunos têm mais dificuldade? Na escrita, na pronúncia, ou na tradução? Por que você acha que ocorre esse tipo de dificuldade?

na escrita, porque querem aprender somente em sala e não praticam fora da aula.

20. Em sua opinião, você acredita que os alunos têm consciência da importância do ensino de Língua Inglesa?

não, somente chega a um consenso quando vão para a faculdade.

PROFESSOR "B"

QUESTIONÁRIO

Caro professor(a), esta pesquisa é um instrumento de coleta de informações à respeito da realidade do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

O objetivo é fazer um levantamento dos métodos utilizados em sala de aula e propor medidas mais significativas. Para tanto, não é necessário se identificar, basta responder as questões com objetividade.

Grata por sua participação.

1. Qual seu nível de escolaridade?

Especialista (Especialização em Metodologia do Ensino Inglês)

2. Quanto tempo de experiência docente?

Em Língua Estrangeira: 10 anos

Em outras disciplinas: -

3. Caracterize os alunos de sua turma quanto:

Idade: 10 a 16 anos Série que frequentam atualmente: 6º ao 8º ano

4. Quais os cursos de capacitação que você fez ou está fazendo que tenham ajudado você a desenvolver seu trabalho? De que forma?

Cursos de idiomas, contínuo diretamente com a atuação em língua inglesa; Selo do Educador, pois pesquisamos meios de minimizar os problemas de dia-a-dia; TICs para usar as novas tecnologias durante as aulas;

5. Você acha importante o ensino de Língua Inglesa? Explique o porquê.

Sim... Convidamos com o Inglês Inglês, é só olhar a nossa volta e observar o quanto precisamos de Inglês (as nossas relações com Tecnologias, em redes, nos manuais de instruções, concursos, comunicações);

6. Você segue algum cronograma? Roteiro?

Sim. O planejamento anual, a partir do qual fazemos os planos diários. Nossos planos são diversificados mas não sempre o mesmo roteiro.

7. Quais tipos de materiais você utiliza? Livro didático? Datashow? Dicionário?

Investi em datashow (vídeos, slides...), uso também algumas atividades do livro didático, mas de atividades planejadas por mim mesmo ou de materiais extras.

8. Você acredita que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula? Justifique sua resposta.

Sim. Os alunos convivem muito com as novas tecnologias e estes meios são os que ainda chamam a atenção dos alunos.

9. Quais as principais dificuldades que você encontra para o ensino de língua inglesa, em termos de aprendizagem e técnicas de ensino? Não conseguimos ensinar

devido à falta de interesse, a maioria dos alunos não querem aprender e vêem a escola como o lugar de encontrar os amigos e se divertir; Indisciplina; Agressão e assim nenhuma técnica funciona.

10. Você encontra dificuldades em ensinar a Língua Estrangeira? (Dificuldade no que tange a aceitação dos alunos quanto a necessidade deles em buscar conhecimento nesta área.)

Sim, esta dificuldade devido à postura do aluno e que dificulta o trabalho do professor.

11. Como você acompanha e registra o desenvolvimento de seu aluno?

Em meu caderno de anotações, no diário on-line, e nas fichas individuais dos alunos que são preenchidas no conselho de classe.

12. Em sua opinião, os cursos particulares de Língua Inglesa são melhores do que o ensino na escola pública?

Sim. Nos cursos geralmente temos alunos que querem, que estão preocupados com o aprendizado, os pais são mais presentes, poucos alunos por sala.

13. O que te faz gostar de ser um professor de Língua Inglesa?

Eu gosto e admiro o língua inglesa, gosto de ser professor, eu escolhi esta profissão mesmo me deparando com tantos dificuldades para ministrar minhas aulas. Não sei me oporcionar por esta profissão, não tem muito explicações, é difícil explicar os sentimentos.

14. Como é sua relação com os alunos?

Temos alunos e alunos, tenho bom relacionamento com todos, mas durante as aulas tenho "problemas" com os que não respeitam as regras, não querem estudar.

15. Levando em consideração as respostas anteriores, você se classifica como um professor preocupado com sua prática em sala de aula? Qual seu método de ensino? Parte de alguma abordagem?

Sim. Uso vários métodos, tento trabalhar as quatro habilidades, mas o ^{prático} speak, a abordagem comunicativa, tem sido mais difícil avançar.

16. Quais as suas sugestões para melhoria da Educação de Língua Inglesa?

Conscientizar os alunos da importância do aprendizado de forma geral;
Investir em tecnologia para sala de aula;

17. Você acha que o professor de Língua Inglesa é discriminado pela escola, pelos alunos ou pelos próprios colegas? Explique o porquê.

Não de modo geral, apenas por aqueles alunos que não querem e jogam o culpa em alguém (mês).

18. Você acha que a carga horária das aulas de inglês são suficientes para o aprendizado do aluno?

Não. Imagino apenas duas horas semanais para o ensino fundamental, em salas super lotadas;

19. No que seus alunos têm mais dificuldade? Na escrita, na pronúncia, ou na tradução? Por que você acha que ocorre esse tipo de dificuldade?

Na pronúncia, pois é praticamente impossível trabalhar a pronúncia nestas salas lotadas, com alunos indisciplinados.

20. Em sua opinião, você acredita que os alunos têm consciência da importância do ensino de Língua Inglesa?

Sim, principalmente a minoria que são "os alunos" estudiosos... Mas os que não querem, os que têm muitos problemas familiares e não costumam nem pensar no assunto.

PROFESSOR "C"

QUESTIONÁRIO

Caro professor(a), esta pesquisa é um instrumento de coleta de informações à respeito da realidade do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

O objetivo é fazer um levantamento dos métodos utilizados em sala de aula e propor medidas mais significativas. Para tanto, não é necessário se identificar, basta responder as questões com objetividade.

Grata por sua participação.

1. Qual seu nível de escolaridade?

Especialização em Psicopedagogia

2. Quanto tempo de experiência docente?

Em Língua Estrangeira: 12 anos

Em outras disciplinas: 07 anos

3. Caracterize os alunos de sua turma quanto:

Idade: 11 a 14 anos Série que frequentam atualmente: 6º e 9º ano

4. Quais os cursos de capacitação que você fez ou está fazendo que tenham ajudado você a desenvolver seu trabalho? De que forma?

O curso de língua Inglesa da Wizard e quando tem cursos de língua Inglesa da Unemat.

5. Você acha importante o ensino de Língua Inglesa? Explique o por quê.

Sim. Porque a língua Inglesa é uma língua mundial e atualmente a globalização exige isto.

6. Você segue algum cronograma? Roteiro?

Sim.

7. Quais tipos de materiais você utiliza? Livro didático? Datashow? Dicionário?

Todos estes e meus materiais que montei durante meus anos de trabalho

8. Você acredita que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula? Justifique sua resposta.

Ajudam muito, mas é algo que exige muito tempo para preparar e levar para sala de aula.

9. Quais as principais dificuldades que você encontra para o ensino de língua inglesa, em termos de aprendizagem e técnicas de ensino?

O que mais dificulta é a falta de dedicação dos alunos e a falta de acompanhamento dos pais. A falta de material diferenciado também dificulta.

10. Você encontra dificuldades em ensinar a Língua Estrangeira? (Dificuldade no que tange a aceitação dos alunos quanto a necessidade deles em buscar conhecimento nesta área.)

A maioria dos alunos não se esforçam, primeiro porque eles não tem contato com língua estrangeira todos os dias e segundo que são poucos os pais que incentivam

11. Como você acompanha e registra o desenvolvimento de seu aluno?

Através de tarefas de (cada) casa, atividades propostas em sala de aula, organização do caderno e de vez em quando aplico uma prova.

12. Em sua opinião, os cursos particulares de Língua Inglesa são melhores do que o ensino na escola pública?

Na verdade, em ambos depende muito do professor,
mas nos cursos particulares há um ~~seu~~ rendimento
melhor devido a quantia de alunos.

13. O que te faz gostar de ser um professor de Língua Inglesa?

Eu sempre gostei de aprender novas línguas, mas
o que me encanta é ver o progresso que as turmas
apresentam principalmente os 6º anos.

14. Como é sua relação com os alunos?

Os meus veem ter uma relação amigável.

15. Levando em consideração as respostas anteriores, você se classifica como um professor preocupado com sua prática em sala de aula? Qual seu método de ensino? Parte de alguma abordagem?

Minha abordagem é construtivista dando aos meus
alunos oportunidades de viver seus conceitos e tentar
mudar algo que não esteja dando certo.

16. Quais as suas sugestões para melhoria da Educação de Língua Inglesa?

Livros paradidáticos que possam ser trabalhados
de acordo com as idades (séries e DVDs principalmente
para 8º e 9º ano

17. Você acha que o professor de Língua Inglesa é discriminado pela escola, pelos alunos ou pelos próprios colegas? Explique o porquê.

Não

18. Você acha que a carga horária das aulas de inglês são suficientes para o aprendizado do aluno?

Não

19. No que seus alunos têm mais dificuldade? Na escrita, na pronúncia, ou na tradução? Por que você acha que ocorre esse tipo de dificuldade?

Na pronúncia, pois a carga horária é pouca e não
muitos alunos na sala.

20. Em sua opinião, você acredita que os alunos têm consciência da importância do ensino de Língua Inglesa?

Alguns sim

PROFESSOR "D"

QUESTIONÁRIO

Caro professor(a), esta pesquisa é um instrumento de coleta de informações à respeito da realidade do ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira.

O objetivo é fazer um levantamento dos métodos utilizados em sala de aula e propor medidas mais significativas. Para tanto, não é necessário se identificar, basta responder as questões com objetividade.

Grata por sua participação.

1. Qual seu nível de escolaridade?

Pós-graduação

2. Quanto tempo de experiência docente?

Em Língua Estrangeira: 5 anos

Em outras disciplinas: 1 ano

3. Caracterize os alunos de sua turma quanto:

Idade: 14 a 20 Série que frequentam atualmente: 1º, 2º, 3º 6º/1

4. Quais os cursos de capacitação que você fez ou está fazendo que tenham ajudado você a desenvolver seu trabalho? De que forma?

Cursos intensivos de língua inglesa, cursos de extensão de língua inglesa, inglês instrumental, cursos online, etc...

5. Você acha importante o ensino de Língua Inglesa? Explique o porquê.

Sim, muito importante, pois a língua inglesa está presente no nosso dia a dia de várias formas.

6. Você segue algum cronograma? Roteiro?

Sim, currículo escolar, ementa e cronograma próprio que desenvolvi para melhor execução das atividades em sala de aula.

7. Quais tipos de materiais você utiliza? Livro didático? Datashow? Dicionário?

livro didático, data show, dicionário, apostila, material impresso, CD, DVD, notebook, etc...

8. Você acredita que os meios multimídias auxiliam no processo de desenvolvimento da aula? Justifique sua resposta.

Sim, ajudam muito. Contribuem para o melhor desenvolvimento da aula e do ensino-aprendizagem, prendem a atenção dos alunos e facilitam a mediação professor-alunos e multimídia.

9. Quais as principais dificuldades que você encontra para o ensino de língua inglesa, em termos de aprendizagem e técnicas de ensino?

As maiores dificuldades existem devido ao grande número de alunos em sala de aula e quantidade de horas aula que é mínima.

10. Você encontra dificuldades em ensinar a Língua Estrangeira? (Dificuldade no que tange a aceitação dos alunos quanto a necessidade deles em buscar conhecimento nesta área.)

Sim, mas apesar disso persisto no ensino inglês.

11. Como você acompanha e registra o desenvolvimento de seu aluno?

No "caderno de campo". Registro todas as atividades aplicadas, avaliações, comportamento dos alunos, etc; registro no "caderno de campo" todo o desenvolvimento de cada aluno e todos os aulas.

12. Em sua opinião, os cursos particulares de Língua Inglesa são melhores do que o ensino na escola pública?

Sim, mais pelo fato de os cursos particulares disponibilizarem maior número de aulas em horário escolar e também por oferecerem turmas com um número adequado de alunos.

13. O que te faz gostar de ser um professor de Língua Inglesa?

Gosto de poder transmitir meus conhecimentos e também poder aprender com meus alunos. Principalmente por saber que a língua inglesa pode e complica muitas coisas e dá prazer o conhecimento e por isso várias coisas da minha vida.

14. Como é sua relação com os alunos?

Em geral agradável.

15. Levando em consideração as respostas anteriores, você se classifica como um professor preocupado com sua prática em sala de aula? Qual seu método de ensino? Parte de alguma abordagem?

Sim, me considero preocupado com minha prática.

16. Quais as suas sugestões para melhoria da Educação de Língua Inglesa?

1. Diminuir o número de alunos em sala de aula.
2. Aumentar o quantidade de aulas por semana e diminuir o intervalo.
3. Disponibilizar material adequado e acessível aos alunos.

17. Você acha que o professor de Língua Inglesa é discriminado pela escola, pelos alunos ou pelos próprios colegas? Explique o porquê.

Penso que o professor de língua inglesa e a disciplina não tem o devido valor. Há até alunos que pensam que o inglês não deve ser disciplina obrigatória no currículo escolar.

18. Você acha que a carga horária das aulas de inglês são suficientes para o aprendizado do aluno?

Como já mencionamos antes, não.

19. No que seus alunos têm mais dificuldade? Na escrita, na pronúncia, ou na tradução? Por que você acha que ocorre esse tipo de dificuldade?

Na pronúncia, isso ocorre pelo fato de as aulas serem muito rápidas e nos ensinarem mais a ler, uma vez que é o que necessitam para prestar concursos como vestibular, por exemplo.

20. Em sua opinião, você acredita que os alunos têm consciência da importância do ensino de Língua Inglesa?

A maioria, sim.